

PARÓDIA DO MITO, CIÊNCIA E SIMBOLISMO EM “TIO AQUÁTICO” DE ITALO CALVINO

THE PARODY OF THE MYTH, SCIENCE AND SYMBOLISM IN ITALO CALVINO'S “THE AQUATIC UNCLE”

Giovanna Biancchi Araujo¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o modo pelo qual o escritor Italo Calvino cria sua paródia do mito na cosmicômica “Tio Aquático” (2007). Utilizando as teorias de Claude Lévi-Strauss (1989) e Roland Barthes (2003) sobre a estrutura mítica, são analisadas a apropriação simbólica e a subversão dela, através do elemento científico típico das cosmicômicas de Calvino.

Palavras-chave: Italo Calvino; cosmicômicas; paródia do mito.

ABSTRACT: This paper intends to reflect on the manner the writer Italo Calvino uses to create his parody of myth in the cosmicomic “The Aquatic Uncle” (2007). Using Claude Lévi-Strauss (1989)' and Roland Barthes (2003)' theories on mythical structure, the symbolical appropriation and its subversion are analyzed through the typical scientific element that is part of Calvino's cosmicomics.

Keywords: Italo Calvino; cosmicomics; parody of myth.

1. INTRODUÇÃO

Consideradas pelo autor um gênero literário, as cosmicômicas de Italo Calvino fazem parte de quatro livros: “Le cosmicomiche” (1965), “Ti con zero” (1967), “La memoria del mondo e altre storie cosmicomiche” (1968) e “Cosmicomiche vecchie e nuove” (1984). Essas narrativas combinam discursos científicos e literários que convergem em contos fantásticos e, ao mesmo tempo, tratam da origem da vida e sua

¹ Graduanda, UFPR.

evolução. A partir de citações de cunho científico que servem como molduras para as histórias e de um personagem-narrador chamado Qfwfq, Calvino utiliza da comicidade e da ciência para construir uma espécie de paródia do mito em suas histórias. Do *Big Bang* ao século XX, as cosmicômicas compreendem de modo não cronológico muitos dos grandes marcos da história do planeta Terra, como a extinção dos dinossauros e a relação entre lua e gravidade. Tais eventos aparecem como parte de histórias de amor, como em “A distância da lua” (*La distanza della luna*), ou auxiliam na representação de um tema como a imigração, por exemplo, em “Tudo em um ponto” (*Tutto in un punto*).

Segundo Calvino (2007, p. 1300-1301 *apud* FERRAZ, 2013, p. 34), “(...) [n]o homem primitivo e nos clássicos o sentido cósmico era a atitude mais natural; nós, ao contrário, para afrontar as coisas maiores e excelsas temos necessidade de uma proteção, de um filtro, e essa é a função do cômico”. Ou seja, Calvino (2007) menciona a presença do elemento do cosmo na literatura clássica e no “homem primitivo”, aquele que antecipa o surgimento da escrita. Desde o início da humanidade, o homem que questiona sua existência e sua origem se volta à natureza em busca de respostas, encontrando-as através de interpretações dos dados que ela lhe fornece. Sem a ciência como nós conhecemos hoje, essas informações aparecem de forma fantástica nas mais variadas culturas humanas através do mito. Esse processo está interligado ao mundo dos sentidos, aparentemente oposto àquele da ciência (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 10).

Entretanto, de acordo com Claude Lévi-Strauss em *Mito e Significado* (1989), não há separação concreta entre ciência e mitologia, já que o pensamento científico é o que torna possível o entendimento total do mito. Este diálogo entre ciência e mito, tão presente na antropologia, é visto nas cosmicômicas de Calvino: “Sem Cores” (*Senza colori*) faz referência direta ao mito de Orfeu e Eurídice, por exemplo. Mas a característica mais interessante é o modo pelo qual Calvino (2007) constrói uma paródia do mito nessas histórias, mesclando nelas dados científicos — o moderno —, a estrutura do mito — o primitivo — e a qualidade literária — a mistura dos dois. Assim,

este trabalho propõe uma análise do exercício da paródia do mito realizada por Italo Calvino na cosmiômica “Tio Aquático” (Zio acquatico) (2007).

2. A PARÓDIA DO MITO

Primeiramente, se deve estabelecer como a estrutura do mito é organizada. De acordo com Roland Barthes (2003), o mito é uma fala e é definido não pelo seu conteúdo, mas pela maneira pela qual ela o expressa. Em *Mitologias* (2003), Barthes escreve que "(...) a fala mítica é formada por uma matéria já trabalhada em vista de uma comunicação apropriada: todas as matérias-primas do mito, quer sejam representativas quer gráficas, pressupõem uma consciência significante" (p. 132). Para o escritor, o mito tem dois sistemas semiológicos: o da língua, que inclui significante e significado, e o do próprio mito, no qual se tem significante (simultaneamente sentido e forma), significado (conceito) e signo (significação). O significante possui então uma característica sensorial, de valor próprio, no qual se constitui uma significação — uma história, um passado, um conjunto de valores que caracterizam uma proposição para além do sistema linguístico. "O conceito restabelece uma cadeia de causas e efeitos, de motivações e de intenções" (BARTHES, 2003, p. 140) e possui caráter aberto, podendo ter infinitos significantes. Já o signo é o próprio mito. Assim, a relação do sistema mítico se dá através de uma ação constante entre elementos nele contidos:

O sentido existe sempre para apresentar a forma; a forma existe sempre para distanciar o sentido. E nunca há contradição, conflito, explosão entre o sentido e a forma, visto que nunca estão no mesmo ponto. Do mesmo modo, se estou num automóvel e olho a paisagem pela janela, posso, segundo os meus desejos, focalizar a paisagem ou a vidraça: ora me aperceberei da presença do vidro e da distância da paisagem; ora, pelo contrário, da transparência do vidro e da profundidade da paisagem; mas o resultado desta alternância será constante: a vidraça estará para mim simultaneamente presente e vazia, a paisagem simultaneamente irreal e plena. (BARTHES, 2003, p. 147).

Para compreender um mito em sua plenitude, é necessário fazer o mesmo esforço descrito acima. A alternância entre forma e sentido e conceito leva à ambiguidade da significação, portanto, do mito. Ora, se o leitor de um mito interpreta o personagem apenas como um símbolo de um determinado tipo de pessoa, ele renuncia a parte da forma. Mas, se ele apenas dá enfoque à forma, na história como uma narrativa fictícia, ignora a carga simbólica daquele signo. Deste modo, para fazer a paródia do mito, o escritor deve criar uma narrativa que permita tal movimento de leitura. E o que seria esta paródia, propriamente dita? Segundo Linda Hutcheon (1985), a paródia subverte e se apropria dos discursos dominantes a partir de um olhar crítico do passado. Além disso, utiliza o cômico para fazê-lo. Conforme a pesquisadora, o que leva ao entendimento da paródia é a percepção, vinda do leitor, tanto da afirmação do que é narrado, quanto da sua intencionalidade. Ou seja, é o mesmo movimento da compreensão do texto mítico.

Levando tais pressupostos em consideração, é possível dizer que a paródia do mito poderia ser realizada através do sistema mítico proposto por Barthes (2003), porém, contendo a apropriação da simbologia tradicional dos mitos e, ao mesmo tempo, a sua subversão. Esse exercício é realizado por Calvino nas suas *cosmicômicas* que possuem esta face mítica, como “Tio Aquático” (2007). Ao construir narrativas que explicam a origem do universo e dos seres vivos, o escritor se expande para o campo da paródia, já que utiliza um tipo de estrutura de cunho pré-científico (a do mito) e insere nela dados científicos. Estes, ao mesmo tempo que tornam a narrativa mais moderna e lhe injetam certa credibilidade, também a tornam mais absurda, pois ocorre a mescla do fantástico e do empírico, da imaginação e da lógica, lado a lado. Tal sistematização está muito presente na obra de Italo Calvino, principalmente quando se trata das *cosmicômicas* e da sua literatura combinatória. De qualquer maneira, para

explicar como o autor realiza a paródia do mito, refletiremos sobre a cosmicômica “Tio Aquático” (2007).

3. “TIO AQUÁTICO”

A cosmicômica “Tio Aquático” (Zio acquatico) (2007) trata da evolução dos peixes ósseos para seres vertebrados, o que acarreta o abandono da água pela terra. Qfwfq, agora uma criatura nem peixe nem vertebrado, é fascinado pelo progresso evolutivo. Apaixonado por Lll, uma criatura já completamente da terra, ele teme e não consegue compreender seu tio-avô N’ba N’ga, peixe extremamente orgulhoso de ser peixe. Qfwfq o enxerga como alguém primitivo e preso ao passado, já que ele não deixa a água e não tem desejo algum de ir para o solo. Todavia, a contragosto de Qfwfq, a personagem Lll começa a se interessar pelo mundo aquático de N’ba N’ga, aprendendo a nadar e a apreciar aquele ambiente. No fim, ela se apaixona por ele e deixa Qfwfq. Desolado, ele compreende que, apesar de ser uma criatura mais evoluída, sempre existirão aquelas que são mais; assim, o próprio personagem entende que um dia seria visto por outros seres como ele mesmo via N’ba N’ga.

"Agora já estava claro que os tempos aquáticos haviam terminado" (CALVINO, 2007, p. 70), assim Qfwfq inicia a narrativa, demarcando o progresso proporcionado pela evolução. Se as águas são símbolo do arcaico e do primitivo, o personagem quer evidentemente deixar aquele espaço por completo e se voltar somente para a terra, onde o progresso se encontra. Tradicionalmente lar de criaturas estranhas, o meio aquático geralmente representou o desconhecido: as águas, assim como a grande maioria dos elementos da natureza, fizeram parte do imaginário das populações humanas ao decorrer da história. Como espaço, esse meio aquático aparece ligado a uma ideia de hostilidade e primitividade, no qual habitam criaturas marinhas perigosas. Enquanto os oceanos estão ligados a animais monstruosos e terríveis, como

visto nas escrituras judaico-cristã, em Odisseia e na tradição mitológica nórdica, por exemplo, os lagos geralmente são as casas de seres incomuns, como as ninfas gregas e os espíritos aquáticos da mitologia eslava. Tal representação condiz com a falta de conhecimento empírico acerca desses espaços e seus confins na antiguidade; sem dados exatos sobre o que exatamente habitava nas águas e sem as ferramentas necessárias para explorá-las, o ser humano só possuía a própria imaginação. Para Lévi-Strauss (1989, p. 23), o mito "(...) dá ao homem a ilusão, extremamente importante, de que ele pode entender o universo e de que ele entende, de fato, o universo". Assim, algo inexplorado e desconhecido como o mar é compreendido e interpretado como um ambiente desconfiável e temido. Em "Tio Aquático" (2007), o espaço aquático em si não está ligado a uma ideia de hostilidade, mas pode ser interpretado como símbolo claro do primitivo. A primeira descrição do tio e do local onde vivia, evidencia isso:

Isso mesmo, tínhamos um tio-avô peixe, e precisamente da parte de minha avó paterna, oriunda dos celacantinos do Devoniano (os do ramo da água doce — que depois se tornariam primos dos outros —, mas não quero alongar-me nesses graus de parentesco, mesmo porque não se consegue nunca deslindá-los). Vai daí que esse tio-avô morava em certas águas baixas e lodosas, entre raízes de protoconíferas, naquele braço de lagoa onde haviam nascido todos os nossos ancestrais. Não arredava pé dali: fosse qual fosse a estação, bastava avançar sobre as camadas de vegetação mais moles o máximo que se pudesse sem se aprofundar no banhado, e lá embaixo, a poucos palmos da margem, víamos a coluna de borbulhas que ele mandava para cima bufando, como fazem as pessoas de idade, ou a nuvenzinha de lodo que fazia levantar quando cavava com seu focinho pontudo, sempre ali rebuscando mais por hábito que para procurar alguma coisa. (CALVINO, 2007, p. 71).

O espaço, como visto acima, é descrito através de uma interpretação bem coerente de um ambiente aquático: são mencionadas "raízes de protoconíferas", por exemplo, o que insere um realismo muito grande na fantasia. Estas são a forma e o sentido descritos por Barthes (2003). Ao afirmar que aquele local é "onde haviam nascido todos os nossos ancestrais", o protagonista estabelece a relação entre espaço e

primitividade, que é o conceito (BARTHES, 2003). Essa estrutura linguística traz à mente a ideia de um ponto de origem muito antigo. Citando Lévi-Strauss, Gilbert Durand (1993, p. 14) afirma que "(...) um mito é uma repetição de certas relações, lógicas e linguísticas". Quanto mais estas relações se repetem, mais o símbolo se torna mítico. Desta maneira, ao retomar a relação "água" e "primitividade", Calvino se alimenta da simbologia mítica pré-existente. Como "(...) a imagem simbólica é a transfiguração de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstrato. O símbolo é, pois, uma representação que faz aparecer um sentido secreto, é a epifania de um mistério" (DURAND, 1993, p. 12), a percepção do leitor de que existe uma segunda camada na estruturação do espaço — que adiciona à narrativa um conceito histórico e mítico — faz com que ele tenha essa epifania de que *talvez* exista algo além da forma. É a ambiguidade mítica típica. Ainda nesse exemplo, a narrativa de Calvino possui uma camada extra; a da ciência. Pois tal relação, entre água e ancestralidade, é campo de estudo da Paleobiologia e dos evolucionistas.

Entretanto, o espaço por si só não consegue expressar a carga simbólica mítica aqui analisada. Consideremos então a caracterização do tio-avô N'ba N'ga como peixe. Ela é fiel ao conhecimento empírico biológico que temos hoje; a prosopopeia realizada por Calvino é o que o torna um personagem fantástico. Entretanto, Qfwfq chega a descrevê-lo como um monstro: "(...) disse o tio fixando Lll com olhos redondos e inexpressivos como pedras e fazendo pulsar as brânquias que ladeavam a enorme goela. Nunca o tio-avô havia parecido tão diferente de nós: um verdadeiro monstro mesmo" (CALVINO, 2007, p. 75). Ele não é um monstro perigoso como o Leviatã da Bíblia e o Caríbdis da Odisseia, mas é também uma criatura aquática vista com certa desconfiança. Ele é a representação da ameaça ao progresso, algo que o protagonista considera a perfeição. Neste sentido, chamá-lo de monstro condiz com a opinião de Qfwfq. Ademais, o fato de que alguém visto como um "resíduo do passado" possuía autoridade (CALVINO, 2007, p. 73) e consegue conquistar Lll, que é descrita como o

ápice da perfeição evolutiva para o protagonista, "(...) mas nada parecia tão distante da vida aquática quanto Lll" (p. 74), faz com que essa antipatia de Qfwfq seja exacerbada. Neste sentido, o que o tio representa no contexto do progresso pode ser interpretado como algo hostil e perigoso.

Como já mencionado, a caracterização do personagem é condizente com a biologia e a ciência, como é possível de se perceber no seguinte trecho, que descreve a aparência física e os movimentos do peixe tio:

E, sem mais, mergulha. Um mergulho ágil como jamais o tinha visto dar; e também um salto no ar: pula mostrando fora da água todo o seu comprimento, inteiramente pintalgado nas escamas, escancarando os leques espinhosos de suas barbatanas; depois, tendo descrito no ar um belo semicírculo, volta a cair imergindo de cabeça a pino e desaparece rápido com uma espécie de movimento em espiral da cauda falciforme. (CALVINO, 2007, p. 76).

O realismo da descrição é um paradoxo unido à personificação do peixe, trazendo à tona a literariedade da obra. Calvino não está fazendo uma transformação do mito a um relato científico; está criando uma *paródia* do mito, carregado de propriedades literárias. Isso torna a narrativa mais complexa e, ao mesmo tempo, absurda. De acordo com Barthes (2003, p. 147), "(...) o que a forma pode sempre, pelo menos, oferecer à interpretação é a própria desordem: pode conferir uma significação ao absurdo, fazer do absurdo um mito". Assim, o elemento do absurdo passa a ter sentido dentro do sistema mítico descrito pelo autor. Já que se trata de uma paródia do mito, o peixe pode existir tanto como um personagem personificado teimoso, quanto um símbolo de primitividade.

Porém — e é o que caracteriza esta cosmicômica como uma paródia —, Italo Calvino se apropria da ideia de primitivo e das dicotomias terra/água e evolução/primitivo para subvertê-las. Justamente a personagem de Lll é que carrega em si o elemento da subversão da cosmicômica. Ela era parte de uma linhagem antiga; "Os parentes de Lll me davam um pouco de complexo: eram dessas famílias, que por

terem se instalado em terra em época mais antiga, haviam acabado por se convencer de que ali estavam desde sempre" (CALVINO, 2007, p. 74), mas isso não a impede de desenvolver um fascínio pela vida "primitiva" do tio-avô de Qfwfq. Quanto mais tempo Lll passa com o tio, mais o protagonista o faz também. No seguinte trecho, é possível notar que a percepção de quem era da terra e quem era da água começa a embaçar, na medida em que eles passam tempo juntos: "Estendemo-nos os três sobre uma das margens em declive: o tio mais para o lado da água, mas nós também a meio banho, de tal maneira que, se alguém nos visse de longe, estirados uns ao lado dos outros, não saberia dizer quem era terrestre e quem era aquático (CALVINO, 2007, p. 77).

Já no trecho abaixo, o leitor é exposto à argumentação do tio. Apesar de ser uma criatura ligada ao passado, seu discurso possui o elemento científico. Ele tem uma clareza sóbria acerca da própria existência; admite que a vida está sempre mudando e que os povos desaparecem porque não querem fazer parte dessa mudança. Novamente, Calvino se apropria do discurso da ciência e personifica os seus agentes, dando-lhes a escolha de se adaptarem às mudanças ou não. A escolha do tio é consciente; se permanece na água não é por causa de sua condição como peixe. É porque é o que quer.

As terras emersas, segundo o tio, eram um fenômeno limitado: iriam desaparecer assim como vieram à tona, ou, de qualquer forma, ficariam sujeitas a mutações sucessivas: vulcões, glaciações, terremotos, enrugamentos do terreno, mutações de clima e de vegetação. E nossa vida nesse meio devia enfrentar transformações contínuas, mediante as quais populações inteiras iriam desaparecer, e só haveria de sobreviver quem estivesse disposto a modificar de tal modo a base de sua existência que as razões anteriormente passíveis de tornar a vida bela de viver seriam completamente transformadas e esquecidas. (CALVINO, 2007, p. 77-78).

"Em oposição às incertezas da terra e do ar, as lagoas, os mares e os oceanos representavam um porvir de segurança" (CALVINO, 2007, p. 78). Ele continua, dizendo que na água a vida se conserva como ela é. Isto é outro fato científico, que, aliás, gera algumas reflexões: a água como espaço primitivo no mito não ocorre sem motivos. Por

conta das condições do espaço aquático, os animais que habitam lugares assim não evoluem da mesma maneira como evoluem os animais da terra; não tem visão aguçada, por exemplo. Como explicado por Lévi-Strauss (1989, p. 30) o “(...) pensamento científico é que nos habilita a compreender o que há neste mito, perante o qual permanecíamos completamente cegos antes de a ideia das operações binárias se tornar um conceito familiar para todos”. Ou seja, o leitor moderno que conhece a teoria da evolução darwiniana conseguiria supor que um mito repleto de criaturas aquáticas caracterizadas pelo seu apeço ao passado são, de fato, uma interpretação deste conhecimento científico. Entretanto, a *cosmicômica* de Calvino dá um passo além; o escritor insere a ciência no conteúdo.

Continuando a trama de “Tio Aquático” (2007), o protagonista tenta reconquistar a sua amada através de atos todos ligados à vida vertebrada. Entretanto, nesse meio tempo, Lll estava aprendendo a nadar com o tio, chegando a afirmar que “as patas funcionam perfeitamente como barbatanas” (CALVINO, 2007, p. 80). Contra todas as expectativas, a personagem vai contra a onda do progresso, dizendo, na mesma página, que o mar é infinito e que o tio é “um peixe que é alguém”. Ela abandona a sua vida na terra, exclamando que se tornará um peixe como ele e irá pôr “no mundo outros peixinhos”. Na página 82, Lll e o tio saem de cena: “E, com uma daquelas suas arrancadas, subiu até o alto da última folha de avenca, inclinou-se para a lagoa e lançou-se num mergulho. Voltou à tona, mas não estava sozinha: a robusta cauda falciforme do tio N'ba N'ga aflorou ao lado da sua e juntos fenderam as águas”.

É extremamente significativo que alguém como Lll, a representação do progresso e da evolução, tenha feito a escolha consciente de deixar a terra pelo mar. A personagem não vai apenas contra a vontade da sua família e de Qfwfq, mas também contra toda a construção simbólica do espaço aquático como primitivo e, assim, inferior à terra. Porque este é o fundo da questão da *cosmicômica*: o tio-avô e o espaço em que habita são ambos elementos do passado e, portanto, já não deveriam mais

existir. Ele é incompreendido, por vezes Qfwfq tenta convencê-lo a abandonar seu lar e sua forma para abraçar a progressão evolutiva. Quando o personagem se nega a fazê-lo, a história aponta para uma possível problemática acerca do tema do progresso. Entretanto, o que solidifica tal interpretação é a escolha de Lll. Ela encontra a felicidade no ultrapassado. Portanto, o simbolismo mítico é apropriado e subvertido. O primitivo, o passado, não é motivo de terror ou desconfiança: é lar, é amor, é estabilidade.

Esta interpretação problematiza a ideia positivista de evolução como progresso e melhora. Fornece à paródia do mito uma conclusão moderna e mais literária, que busca ir além do simbolismo imposto pela tradição mítica dos signos. Não é bem uma desconstrução, pois o espaço aquático e a criatura ainda possuem características da primitividade, mas essa não é vista de maneira negativa. O próprio Qfwfq percebe, no fim, que a perfeição evolutiva não era mais importante do que ser ele mesmo:

Veja por outra, entre as variadas formas dos seres vivos, encontrava um que era "mais alguém" do que eu: um que renunciava o futuro, o ornitorrinco que amamentava o filhote saído do ovo, a girafa esgalgada em meio à vegetação ainda baixa; ou outro que testemunhava um passado sem retorno, um dinossauro sobrevivente depois de haver começado o Cenozóico, ou então — crocodilo — um passado que havia encontrado um modo de conservar-se imóvel pelos séculos. Todos tinham algo, bem sei, que os tornava de alguma forma superiores a mim, sublimes, e que me tornava, em relação a eles, medíocre. E, no entanto, eu não me trocava por nenhum deles. (CALVINO, 2007, p. 81).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a ideia de ambiguidade da estrutura mítica proposta por Barthes (2003), é possível afirmar que a cosmiômica "Tio Aquático" (2007) pode ser lida de duas maneiras. A primeira considera o texto somente como conto literário, no qual uma das interpretações possíveis é a de que os personagens N'ba N'ga e Lll representam o amor proibido entre seres de diferentes posições sociais, simbolizadas

pela oposição dos espaços aos quais pertencem; água e terra. Já a segunda vê a cosmicômica como paródia do mito. Nesta, o conceito, tal como definido por Barthes (2003), “deforma” o personagem, retira dele sua história e a transforma em um gesto, em um símbolo. No contexto das cosmicômicas e, mais precisamente, de “Tio Aquático” (2007), figuras e espaços míticos tradicionais aparecem como plano de fundo da trama e como representação simbólica. Separados, talvez o espaço aquático e a caracterização do tio-avô não teriam a mesma significação, mas juntos expressam o símbolo da primitividade em contraposição ao progresso, como foi exposto anteriormente. Segundo Lévi-Strauss (1989), o mito é como a música. Por conta disso, deve ser lido como se fosse uma partitura: as frases musicais fazem sentido pleno somente como um todo.

Ouçam uma sinfonia: uma sinfonia tem um princípio, um meio e um fim; contudo nunca se entenderá nada da sinfonia nem se conseguirá ter prazer em escutá-la se for incapaz de relacionar, a cada passo, o que antes se escutou com o que se está a escutar, mantendo a consciência da totalidade da música. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 54).

Tal lógica também se aplica na leitura das cosmicômicas. Como paródia, o que confere à história sua comicidade é a quebra de expectativa. Essa pode ser vista em um momento específico, no diálogo final entre Qfwfq e Lll: “— E o que vai fazer, sozinha com um peixe velho? / — Casar com ele. Tornar-me peixe como ele. E pôr no mundo outros peixinhos. Adeus” (CALVINO, 2007, p. 81). Considerando a construção da terra como ambiente ideal, enquanto a água e N’ba N’ga são símbolos da primitividade, a rebeldia da personagem é muito significativa, pois subverte tanto as expectativas do leitor, quanto as expectativas do mito. Se a ciência e o mito foram tidos como opostos a partir dos séculos XVII e XVIII (LÉVI-STRAUSS, 1989), aqui o elemento científico oferece suporte ao conceito mítico ao mesmo tempo que o subverte, criando uma técnica narrativa única e moderna, comum nas cosmicômicas de Italo Calvino. A

ação de Lll reflete sobre uma das máximas positivistas mais conhecidas: o progresso como perfeição, da qual se infere que a evolução sempre caminha em uma progressão contínua. Entretanto, a prosopopeia concedida aos personagens leva a questionamentos acerca das suas próprias existências. A teimosia do tio pode ser explicada pela carga simbólica de sua caracterização — primitividade, mito, passado, relutância à frente da mudança —, mas o comportamento de Lll não. É rebelião. É assim que, por fim, a paródia tem êxito.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. Rita Buongiorno; Pedro de Souza. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- CALVINO, Italo. *Todas as cosmicômicas*. Trad. Ivo Barroso; Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FERRAZ, Bruna Fontes. *O universo em um livro: As cosmicômicas, de Italo Calvino*. 113 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Trad. Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Trad. Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Trad. António Marques Bessa Lisboa: Edições 70, 1989.

Recebido em: 09/07/2022

Aceito em: 01/09/2022